

Avaliação de Aprendizagem: Concepções Sociológicas no Processo Educativo

Otília Maria dos Santos Costa

Faculdade Vale do Cricaré – FVC – São Mateus/ES-BRA

mestraotiliamaria@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem uma metodologia qualitativa com perspectiva sociológica, que objetiva analisar os resultados de um questionário direcionado e aplicado aos pedagogos e professores, de uma escola municipal de São Mateus/ES-BRA, referente à avaliação de aprendizagem no contexto escolar dentro do processo de construção do ensino e aprendizagem. Realizamos na fase inicial a pesquisa bibliográfica, dando ênfase as concepções de diferentes autores com olhar sociológico, principalmente a Weberiana, onde toda a ação é praticada por agentes sociais, no caso da instituição escolar seriam os professores e essa ação que fará o diferencial na aplicabilidade e nos resultados da avaliação. Estrutturamos o texto de forma que estejam explicitados os resultados em quadros e concluímos fazendo uma comparação aos resultados finais da escola municipal pesquisada do ano de 2013. Reconhecemos que as práticas avaliativas precisam ser mais específicas e objetivas com a necessidade de mudanças dentro das concepções sociológicas em avaliar o aluno, para que atenda os objetivos propostos. Sabemos que a avaliação é de caráter processual e contínuo, não permitindo que o aspecto quantitativo prevaleça ao qualitativo e colocamos o professor como agente fundamental para que essas mudanças aconteçam dentro do processo em desenvolvimento na construção da aprendizagem.

RESULTADOS

Apresentamos a análise dos resultados obtidos na pesquisa qualitativa e os examinamos a luz da literatura de alguns autores, onde ao analisarmos os dados qualitativos significa trabalhar todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos de observação, transcrições de entrevista, as análises de documentos e as demais informações disponíveis”.

Em meio às principais características dos participantes, usaremos as siglas (S) ao referirmos às pedagogas, ou seja, (S1) pedagoga matutino, (S2) pedagoga vespertino, e quanto às

professoras serão utilizados as formas de identificação em porcentagem ou quantitativo respondidos.

Primeiramente analisamos a visão das pedagogas da instituição pesquisada, sobre a avaliação da aprendizagem e em seguida dos professores.

No quadro 01, apresentamos a concepção avaliativa das pedagogas da escola investigada, e a forma como organiza a prática avaliativa nesta escola, envolvendo instrumentos e o processo de formação continuada acerca da temática.

A pedagoga do período matutino tem 43 anos de idade, é do sexo feminino, possui graduação em Pedagogia e especialização em Gestão e Supervisão Escolar e a pedagoga do período vespertino tem 49 anos de idade, é do sexo feminino, possui graduação em Pedagogia e especialização em Gestão, Supervisão Escolar, Séries Iniciais e Artes na Educação.

Percepção das Pedagogas

Quadro 01:

1. Na sua opinião, o que é avaliar?	
S1	S2
“Verificar se o conhecimento foi absorvido por meio das habilidades desenvolvidas em sala de aula nas atividades proposta pelo docente”.	“É fazer uma sondagem dos conteúdos aplicados, para ver se realmente o aluno aprendeu os conteúdos dados”.
2. Quais os instrumentos de avaliação que permeiam o cotidiano escolar?	
“Avaliações escritas, simulados, provas orais, comportamento (participação, interesse)”.	“As atividades dadas na sala de aula, no dia a dia, avaliações e atividades avaliativas, nos trabalhos onde levam os alunos a pesquisar, etc”.
3. As concepções avaliativas são discutidas nas reuniões pedagógicas e grupo de estudo?	
“Sempre que possível, mas uma vez que é imposto pelo sistema precisamos de dar retorno”.	“Sim”.
4. No momento da entrega de provas, trabalhos, entre outros, você orienta os professores a realizarem um <i>feedback</i> para esclarecerem a nota dada?	
“Sim”.	“Sim. Mas, infelizmente não tive como fazer essa orientação, pois, hoje o

	supervisor/pedagogo fica muito preso a reuniões, preenchimento de documentos e principalmente atendendo os pais com problemas familiares”.
5. Você acredita ser importante dar esse <i>feedback</i>? Por quê?	
“Sim. Como temos uma clientela bem heterogênea, precisamos trabalhar para melhor atendê-los”.	“Sim, porque o pedagogo pode dar outras orientações ou sugestões que possam enriquecer os professores nas avaliações e trabalhos”.

Com base nos dados coletados, observa-se que as pedagogas apresentam uma concepção de avaliação voltada para o desenvolvimento do aluno e também para as propostas avaliativas do professor ao longo do processo de ensino e aprendizagem.

Os instrumentos avaliativos são apresentados de formas diversas, mas o foco que permeia esta pesquisa não se pauta na quantidade de instrumentos que são empregados, mas sim, na forma como eles são utilizados.

As consequências do mal uso de qualquer instrumento avaliativo poderá provocar nos avaliados sintomas irrevogáveis, tais como: problemas pedagógicos, psicológicos e sociológicos, entre elas o sentimento de “inferioridade” aos outros alunos que alcançam a nota “ideal”, sem contarmos com o constante desentendimento que acometem os alunos e a família.

A aprendizagem neste contexto deixa de ser algo prazeroso e solidário, e passa a ser um processo solitário e desmotivador, contribuindo para a seletividade social, principalmente para atender as exigências do sistema escolar vigente.

Segundo as pedagogas, as concepções avaliativas são discutidas nas reuniões pedagógicas e em grupos de estudo, os docentes buscam implementar a proposta de avaliação, mas a preocupação da (S1), no que tange, a imposição do sistema ao retorno das avaliações é bem explícita, mesmo porque a realidade que vivemos hoje é o “ranking escolar” , ou seja, vivemos com base nas estatísticas (em números), que são vinculados nos veículos de comunicação. E nem sempre os dados são fidedignos, mas de qualquer forma dá um norteamento no que precisa ser melhorado no processo de ensino aprendizagem.

Quanto ao *feedback* dos instrumentos avaliativos, as pedagogas orientam os professores para que seja feito de forma que esclareça a nota e o aprendizado que o aluno alcançou. Para Bloom; Hasting e Madaus (1983, p. 145-147), “[...] o que o aluno precisa é de um *feedback* que o informe a respeito do que aprendeu e do que ainda necessita aprender”. De acordo com Werneck (1995, p. 117), “todo aluno tem direito a saber por que mereceu uma determinada nota ou conceito”. Sem a aplicação desse recurso os professores não saberão se os seus métodos de ensino estão de acordo ou se precisam ser melhorados, visando aperfeiçoar a sua prática pedagógica, ao mesmo tempo em que os alunos não serão informados sobre seus erros e acertos, a fim de que obtenham mais êxito na aprendizagem.

A (S2) citou a falta de tempo de outorgar o *feedback* para os professores devido estar abarrotada de alguns afazeres que acaba tomando mais “tempo” que necessário, e com isso a orientação que poderia ser proposta com mais precisão, não é feita de forma eficaz.

As pedagogas concordam com a importância do *feedback*, pois é ele que define o caminho para atingir os objetivos pedagógicos e sociais. Neste sentido a (S2) ressalta, “ o pedagogo pode dar outras orientações ou sugestões que possam enriquecer os professores nas avaliações e trabalhos” e a (S1) complementa, “ a clientela é heterogênea precisamos trabalhar para melhor atendê-los”.

Portanto, avaliar para promover a cidadania do aluno, como um sujeito digno de respeito, ciente de seus direitos e deveres, que tenha acesso a todas as oportunidades que a vida social possa lhe oferecer e sem promover a aprendizagem, isso não acontecerá. Contudo, se faz necessário uma busca constante, a fim de melhorar o atendimento educacional e almejar os objetivos propostos de uma avaliação de aprendizagem de forma positiva dentro de um processo contínuo e construtivo.

Percepção das Professoras

Dentre as doze professoras que responderam o questionário, todas são efetivas na EMEF. “ Ouro Negro “, com idade variando de trinta e quatro anos a quarenta e nove anos, sendo que onze dessas professoras possuem pós graduação em áreas educacionais e uma é Mestre em Geografia. Todas ministram aulas de núcleo comum, nas disciplinas de Português, Matemática, Ciências, História e Geografia.

Como todo processo, avaliar não se constitui em algo de fácil execução. Sabemos da necessidade da avaliação nas escolas para melhor ensino e aprendizagem. Mas o que avaliar? Como? Quem? Que instrumentos utilizar? Qual o objetivo?

Quadro 02:

Leitura e estudo a respeito de "Avaliação da Aprendizagem":	
1 Ano	08 professoras 66,6%
3 Anos	02 professoras 16,6%
5 Anos	01 professora 8,3%
Raramente Lê	01 professora 8,3%
Total	12 professoras 100%

Com base neste quadro, percebemos que os professores da escola investigada a maioria leu ou estudou sobre avaliação da aprendizagem nos últimos anos.

Neste sentido, a forma de avaliar os alunos desses professores é baseada nos processos de redefinição e reconstrução da prática, ou seja, são trabalhados os erros para que os mesmos tenham oportunidades de aprender e construir um novo caminho de aprendizagem.

Segundo Esteban (2013, p. 148) “a reconstrução da prática, requer um movimento que implica a redefinição da teoria, transcendendo sua aplicação”. Haja vista que, esse processo é lento, mas satisfatório, pois as duas partes envolvidas neste processo de ensino aprendizado, caminham lado a lado, a fim de alcançar os mesmos objetivos.

Quadro 03:

Quantitativo de avaliações aplicado durante o trimestre:	
10	01 professora 8,3%
05	04 professoras 33,2%
04	02 professoras 16,6%
03	02 professoras 16,6%
02	03 professoras 24,9%
Total	12 professoras 100%

Neste quadro percebemos que alguns professores fazem uso de vários instrumentos avaliativos e nesses casos a avaliação torna-se formativa. Segundo Janssen (2000):

Nenhum instrumento pode ser descrito como prioritário ou adotado como modelo. A diversidade é que vai possibilitar ao professor obter mais e melhores informações sobre o trabalho em classe. A avaliação precisa ser processual, contínua e sistematizada, nada pode ser aleatório, nem mesmo a observação constante. Ela só será formativa para o aluno se ele for comunicado dos resultados. (JANSSEN 2000, p.32).

Janssen ainda explica que os instrumentos utilizados devem ter coerência com a prática diária, pois segundo ele não é possível ser construtivista na hora de ensinar e tradicional na hora de avaliar. O professor precisa lembrar que cada conteúdo ou matéria exige formas diferentes para avaliar e também para ensinar.

Três professores informaram que fazem uso de dois instrumentos avaliativos e dois professores disseram que fazem uso de três instrumentos. A diversidade de instrumentos é importante para se obter um melhor aproveitamento do processo ensino e aprendizagem. Nesse sentido, com a utilização de diversas técnicas e instrumentos avaliativos, o professor não prejudica nenhum aluno e torna a avaliação mais completa e diversificada com relação ao desenvolvimento escolar de seus alunos.

Com isso, Haydt (1988, p. 55), afirma que “[...] quanto mais dados ele puder colher sobre os resultados da aprendizagem, utilizando instrumentos variados e adequados aos objetivos propostos, tanto mais válida será considerada a avaliação”.

Ao avaliar o aluno é necessário dosar a quantidade instrumentos, que os devem contemplar as diferentes características dos estudantes. Qualquer que seja o instrumento que o professor adote, deve ser relevante para compreender o processo de aprendizagem da turma e mostrar caminhos para uma intervenção visando sempre sua melhoria.

Quadro 04 - Representação da nota no sistema avaliativo

O que a nota representa para você?	
Imposição do sistema	06 professoras 50%
A compreensão do aluno no assunto estudado	02 professoras 16,6%
Podar a capacidade do aluno	01 professora 8,3%
Às vezes ajuda, às vezes atrapalha	01 professora 8,3%
Acredito mais na qualidade do que na quantidade	01 professora 8,3%
Valor numérico, atribuição a partir de um quantitativo de acertos de questões propostas	01 professora 8,3%
Total	12 professoras 100%

Diante dos dados abordados nesta pergunta, percebemos que 50% das professoras participantes responderam que a nota é uma “imposição do sistema”. Pois bem, sabemos da veracidade dos fatos, mas também não podemos esquecer o que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDBEN), de 1996, inova em relação a avaliação do rendimento escolar em planos distintos. Prevê-se que deve haver avaliação "contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos [...]”. Algumas regras forçaram a mudança do sentido que se atribuía à avaliação, orientando para não mais uma avaliação com vistas a promover ou reter alunos, mas uma avaliação que permita: “possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado." Nesse caso, deve haver a quantificação sim, mas que não sobressai mais que a qualificação, caso contrário perde o sentido avaliar o aluno em seu percurso na busca de melhorar e ampliar o seu desempenho escolar.

Jussara Hoffmann (1998) esclarece:

Analisar aspectos qualitativos do desempenho do aluno não é o mesmo que analisar suas atitudes e comportamentos na escola. Seria temeroso aprovar um aluno porque ele é bem comportado, colaborador esforçado, mesmo que ele não tenha atingido os requisitos mínimos para a próxima série. (HOFFMANN 1998, p. 38).

E ainda reforça:

Avaliar sob o aspecto qualitativo significa observar e interpretar de forma consistente as manifestações do aluno, o que vai muito além dos sinais de “mais ou menos” que o aluno recebe pelas suas atitudes ou da pontuação atingida em suas atividades de aprendizagem. (HOFFMANN, 1998, P. 39-41, grifo da autora).

As demais professoras analisam a nota, como uma consequência do aprendizado, critério importante que auxilia na avaliação, uma vez que nem sempre a maior nota representa o que o aluno sabe. Quando a nota for muito baixa, é preciso utilizar outras técnicas e instrumentos. A representatividade da nota é válida para todos os envolvidos no processo, sendo assim ela visa um referencial que representa a disciplina em que o aluno precisa melhorar e, essa nota será dada a partir da produção do aluno.

Quadro 05 :

Quais as suas maiores dificuldades ao avaliar o seu aluno?	
A falta de compromisso do aluno	05 professoras 43,6%
Na realização das atividades	04 professoras 33,3%
Nenhuma	03 professoras 25%
Total	12 professores 100%

Neste quadro as professoras sentem muita dificuldade em avaliar seus alunos devido a falta de compromisso que os mesmos tem quanto à escola, no que tange, as tarefas escolares e domiciliares, trabalhos, pesquisas, e outras. Diante disso, a equipe

pedagógica, precisa convidar os pais para torná-los ciente da real situação de seu filho, para que possam colaborar no ensino aprendizagem.

A parceria família e escola, é extremamente importante, são as duas instituições responsáveis pela educação num sentido holístico, O processo de ensino e aprendizado depende da articulação de ambas uma não pode substituir a outra, pois exercem papéis distintos, e devem ter os mesmos propósitos.

Neste sentido se o aluno não tem o compromisso de cumprir com suas atividades diárias é preciso que haja apoio da família, para que seja solucionado o problema de forma que o aluno não fique prejudicado nesse processo de construção educativo.

Quadro 06:

Instrumentos Avaliativos Mais Utilizados:	
Provas	12 professoras
Prova Oral	02 professoras
Pesquisa	11 professoras
Trabalhos Individuais	12 professoras
Trabalhos em Grupo	11 professoras
Estudo Dirigido	03 professoras
Outros	06 professoras
Total	12 professoras

Neste quadro, podemos observar que as respostas são bem diversificadas a respeito dos instrumentos avaliativos utilizados. Os professores produzem instrumentos relacionados com os objetivos, sem causar medos e enganos aos alunos.

Neste sentido, do conjunto instrumentos de avaliação saem os indicadores que permitirão a elaboração de propostas pedagógicas capazes de beneficiar a aprendizagem. Para Almeida e Franco (2011),

A avaliação exige planejamento. É preciso decidir que instrumento será usado, em que momento e com qual finalidade. Se o objetivo é verificar um conhecimento específico, se faz necessário utilizar um instrumento que permita detectar essa habilidade. Esse é o segredo da avaliação. O professor deve escolher o instrumento que melhor capte o desempenho do aluno com relação ao objetivo proposto [...]. Tudo depende do que deseja verificar. (ALMEIDA E FRANCO 2011, p. 54).

A prova, o trabalho individual, o trabalho em grupo e as pesquisas, são os instrumentos mais destacados pelas professoras para avaliarem os alunos, mas a prova tanto a objetiva, quanto a subjetiva são os mais utilizados por todas as professoras da referida pesquisa. Embora a maioria das professoras acredite que a prova não reflete o potencial do aluno, consideram que ela exprime isso. Segundo Moreto (2008, p. 86), “nem sempre a prova traduz a aprendizagem correspondente do aluno”. As avaliações estão sendo utilizadas para verificar se houve aprendizagem e se ocorrem de forma contínua, ao longo do trimestre, o que garante uma boa resposta para os professores sobre o processo de aprendizagem dos alunos, permitindo as intervenções necessárias.

Quanto aos outros instrumentos, seis professoras destacaram que as atividades avaliativas, tipo relatórios de atividades e participação, são de suma importância, pois há verificação de aprendizagem no momento em que o aluno cumpre as atividades e o retorno da correção é imediato. Dessa forma é elaborado um diagnóstico para constatar se o aluno está aprendendo ou não o conteúdo em estudo.

Quadro 07:

Participação dos Alunos das Atividades Avaliativas:	
Seguros	06 professoras 50%
Temerosos	06 professoras 50%
Total	12 professoras 100%

Quanto a participação dos alunos, no quadro 07, percebe-se a necessidade de ressignificação da abordagem do tema, para que o processo avaliativo dê suporte aos alunos. Ser avaliado é muito complexo, pois envolve um processo que deve ser

construído cotidianamente, sem medo, para no momento que o aluno se veja frente a esta questão tenha naturalidade, maturidade e segurança.

Dentro desse contexto, Celso Antunes (2002), destaca:

O processo de avaliação da aprendizagem consiste essencialmente em determinar se os objetivos educacionais estão sendo realmente alcançados pelo programa do currículo e do ensino. No entanto, como os objetivos educacionais são essencialmente mudanças em seres humanos - em outras palavras, como os objetivos visados consistem em produzir certas modificações desejáveis nos padrões de comportamento do estudante - a avaliação é o processo mediante o qual determina-se o grau em que essas mudanças do comportamento estão realmente ocorrendo. (Celso Antunes (2002, p. 9).

Essa mudança do comportamento humano poderá se alterar na hora de qualquer atividade avaliativa, dependendo do psicológico do aluno e como está sendo aplicado a atividade avaliativa proposta. O autor completa,

A avaliação é a coleta sistemática de evidências por meio das quais determinam-se mudanças que ocorrem nos alunos e como elas ocorreram. Incluem uma grande variedade de evidências que vão além do tradicional exame de lápis e papel. É um sistema de controle de qualidade pelo qual pode ser determinada, em cada etapa do processo ensino-aprendizagem, a efetividade ou não do processo e, em caso negativo, que mudanças precisam ser feitas para assegurar sua efetividade antes que seja tarde. (Celso Antunes, 2002, p. 9-10).

Portanto, é essencial que o professor ao avaliar seu aluno, tenha uma análise de reflexão sobre a própria grandeza do desenvolvimento humano.

Quadro 08 :

Qual o instrumento de avaliação que os alunos preferem?	
Atividades Avaliativas	6 professoras 50%
Prova escrita	3 professoras 25%
Prova Oral	1 professora 8,3%
	1 professora

Trabalho em Dupla	8,3%
	1 professora
Estudo Dirigido	8,3%
	12 professoras
Total	100%

Tendo como ponto de partida a preferência dos alunos nos instrumentos avaliativos, segundo as repostas das professoras, as atividades avaliativas foram mais destacadas, mesmo porque, a mudança do termo “prova” para “atividades”, tira um pouco a visão de que a avaliação escolar seja “assustadora”. Para realizar essa tarefa, o professor poderá construir os mais variados instrumentos, com a condição de que eles sejam bem elaborados e adequados às finalidades propostas.

O segundo item eleito pelas professoras, na perspectiva dos alunos foi a prova escrita. Para que a prova seja um suporte de inclusão, se faz necessário a valorização do aluno em relação aos estudos, respeitando-o de acordo com suas possibilidades e limites.

Segundo Almeida e Franco:

Esse tipo de avaliação leva a escola a refletir sobre as condições de estudo que oferece e sobre seu currículo. Portanto, sempre propõe um desafio de multicausalidade. Não há uma só causa dos problemas ou das qualidades do trabalho. Os êxitos e as dificuldades pertencem a todos. Não se trata mais, como no velho modelo, de achar culpados ou heróis, mas de traçar diagnósticos, definir responsabilidades e promover parcerias entre alunos, família e escola, para encontrar as melhores soluções. (Almeida e Franco, 2011,p . 72).

Portanto, quando as provas são adequadamente bem elaboradas, com objetivos claros e bem definidos e coerentes com os níveis dos alunos, pode ser um modo eficaz de avaliar para a aprendizagem, esta não poderá ser instrumento de punição ou de angústia para os alunos.

Quadro 09:

Sensação que tem ao corrigir a avaliação dos alunos:	
Insatisfatório	6 professoras 50%
Satisfatório	4 professoras 33,2%
Não Marcou	2 professoras 16,6%
Total	12 professoras 100%

Neste quadro, 50% das entrevistadas dizem que os resultados obtidos pelos alunos são insatisfatórios. Não importa se o resultado foi satisfatório ou insatisfatório, importa que foi obtido pelo aluno e o que será feito com os resultados.

Se, por outro lado, investimos no processo, o resultado da aprendizagem, manifestado pelo estudante vai se qualificar em satisfatório ou em insatisfatório. Se for satisfatório, está bem; porém, se for insatisfatório, há que se intervir para que a aprendizagem se manifeste satisfatória.

Luckesi em uma entrevista a um *website* (2005), respondeu a pergunta, “mas, nós não agimos para atingir um produto?” Claro que sim, porém o mais satisfatório, decorrente do investimento adequado no processo”. O autor ainda completa “ [...] não é qualquer produto, seja lá qual for; é o melhor produto buscado “.

Todavia, tanto os atos de centrar nossa atenção exclusivamente sobre o produto ou sobre o processo da aprendizagem na escola, seguido do melhor produto, dependem da concepção que porém, se, pelo contrário, assumimos o ser humano como um ser

“em desenvolvimento”, então, temos certeza de que o estudante ainda não aprendeu o que tinha que aprender e, por isso, vamos investir nele novamente, até que aprenda.

Na perspectiva de Luckesi (2005),

A pedagogia que sustenta o exame se contenta com a classificação, seja ela qual for; a pedagogia que sustenta o ato de avaliar não se contenta com qualquer resultado, mas somente com o resultado satisfatório. Mais que isso: não atribui somente ao educando a responsabilidade pelos resultados insatisfatórios; investiga suas causas, assim como busca e realiza ações curativas. O ato de avaliar dedica-se a desvendar impasses e buscar soluções. (Luckesi, Artigo publicado na Revista ABC EDUCATIO nº 46, junho de 2005, páginas 28 e 29)

A avaliação do ensino e aprendizagem é feita por meio de um conjunto de instrumentos, por meio dos quais se obtém o sucesso ou o insucesso do aluno. Dentro do contexto de formação, a avaliação tem por dever regular estes dois processos. No entanto, constata-se que na história da avaliação, tem se tornado uma sentença e classificação do rendimento dos estudantes, quando, necessariamente deveria ser um diagnóstico, com intenções de corrigir as deficiências do ensino e de sua aprendizagem.

Para Hadji (200, p.15), “a avaliação em um contexto de ensino tem o objetivo legítimo de contribuir para o êxito do ensino”, ou seja, garantir que a aprendizagem dos alunos aconteça. É preciso reconhecer, portanto, que os resultados insatisfatórios da avaliação escolar podem ter suas causas não estritamente ligadas ao processo de aprendizagem, mas sim ao próprio processo de ensino.

Quadro 10 :

Na entrega dos instrumentos avaliativos é feito o <i>feedback</i> ?	
Sim	8 professoras 83,2%
Às Vezes	4 professoras 33,2%

Total	12 professoras 100%
--------------	--------------------------------------

Em se tratando de realizar um *feedback* para esclarecer a nota atribuída ao aluno, no momento da entrega das provas, trabalhos, entre outros, como pode ser observado no quadro 10, a maioria das professoras responderam que realizam sempre e em todos os momentos o *feedback*, pois é necessário que os alunos saibam o motivo da nota.

Sendo assim, faz-se necessário um *feedback* eficaz e oportuno sobre o que precisa ser melhorado. Essa reflexão pós entrega, faz com que, tanto o professor, quanto o aluno estreitam-se uma relação de parceria, onde ambos estão engajados no ensino aprendizagem e nesta troca de conhecimento, o professor tem um papel fundamental e essencial, o de mediar e levantar hipóteses para um estudo de indicação da eficácia sobre a qualidade dos seus planejamentos o que permitirá ao aluno, não cometer o mesmo erro, e retomar e valorizar o que já sabe fazer bem.

Para Bloom; Hasting e Madaus (1983, p. 145-147), “[...] o que o aluno precisa é de um *feedback* que o informe a respeito do que aprendeu e do que ainda necessita aprender”. De acordo com Werneck (1995, p. 117), “todo aluno tem direito a saber por que mereceu uma determinada nota ou conceito”. Sem a prática do *feedback* os professores não saberão se os seus procedimentos de ensino estão de acordo ou se precisam ser modificados, visando aperfeiçoar a sua prática pedagógica, ao mesmo tempo em que os alunos não serão informados sobre seus erros e acertos, a fim de que obtenham melhor êxito na aprendizagem.

De acordo com a importância de realizar o *feedback*, podemos verificar no quadro 09, que ainda tem quatro professoras que fazem “às vezes”. Neste sentido, compromete muito a aprendizagem do aluno, pois tira a oportunidade dele crescer com os seus próprios erros, de acertar o caminho ou criar novos caminhos.

Para Hoffmann (1995, p. 75, grifos do autor), o professor deve assumir “[...] a responsabilidade de refletir sobre toda a produção de conhecimento do aluno, promovendo o “*movimento*”, favorecendo a iniciativa e a curiosidade no perguntar e no responder e construindo novos saberes junto com os alunos”.

Se o *feedback* é imediato, permite criar um sentimento de partilha, permite observar o "eco" produzido e criar um sentimento de se ter avançado, de se terem criado condições para o aluno ir mais longe, sobretudo quando professor e aluno discutiram em tempo oportuno os objetivos desse trabalho o aluno dispõe de instrumentos de referência, onde estão explicitados os critérios que guiarão o seu trabalho.

Quadro 11:

Nível de Reprovação da Turma:	
Normal (Até 10%)	3 professoras 25%
Baixo (20% a 30%)	7 professoras 58,3%
Alto (40% a 60%)	1 professora 8,3%
Muito Alto (Acima de 70%)	1 professora 8,3%
Total	12 professoras 100%

Esse quadro representa as respostas das professoras que participaram do questionário que foi aplicado no Conselho de Classe do segundo trimestre de 2013, tendo em vista, que faltava apenas um trimestre para o fim do ano letivo, foi lançado essa pergunta no intuito de fazer um levantamento de possíveis retenções das turmas.

Sendo assim, sete professoras responderam que o nível de reprovação será baixo (20% a 30%), levando em consideração que uma determinada sala de aula ter mais ou menos 34 alunos, então seria 11 alunos retidos, neste sentido seria um número bastante considerável em se tratando de um processo em construção.

É evidente que o "fracasso" na aprendizagem pode, por vezes, ser atribuído a fatores diretamente ligados ao aluno: ele faltou, tem fome, não fez sua parte, sua "família é desestruturada", dentre outros elementos. Mas não seria também plausível evocar

outros fatores potencialmente tão condicionantes? Não seria razoável supor que o "fracasso" seja também por características daquele que ensina: de seus procedimentos e recursos, de suas faltas ou dos limites de sua formação? Não poderia ainda o desempenho insatisfatório resultar de uma inadequação entre o que lhe é ensinado e suas expectativas, seu universo cultural ou campos de interesse? Não poderíamos ainda pensar em toda a sorte de relações entre esses três elementos? Os vínculos afetivos entre quem ensina e os que são ensinados; entre quem ensina e aquilo que ensina; entre esses elementos e a instituição em que ocorre o ensino? Os questionamentos poderiam multiplicar-se e a partir dos resultados serem feitas as análises para as reflexões necessárias. Assim a aprendizagem seria mais significativa.

Na percepção de Ausubel (1968),

Aprendizagem significativa no processo de ensino necessita fazer algum sentido para o aluno e, nesse processo, a informação deverá interagir e ancorar-se nos conceitos relevantes já existentes na estrutura do aluno. (Ausubel 1968 p.31).

O autor entende que a aprendizagem significativa se verifica quando o banco de informações no plano mental do aluno se revela, através da aprendizagem por descoberta e por recepção.

Neste sentido Ausubel (1968), “ sugere para esse processo, a utilização de organizadores prévios para, de fato, ancorar a nova aprendizagem, levando o aluno ao desenvolvimento que facilitar a aprendizagem subsequente “. Para o autor,

[...] os fatores intervenientes numa relação de ensino e aprendizagem escolar são múltiplos e complexos. Dificilmente poderíamos isolar um elemento como sendo inequivocamente determinante da não aprendizagem ou de sua insuficiência. E, ao aceitar a reprovação, não hesitamos em responsabilizar e punir sempre um único e mesmo elemento dessa complexa relação: aquele a quem se ensina – o aluno. Assim não se evocam as responsabilidades daqueles que ensina, a adequação do que é ensinado ou as características do contexto institucional em que se lhe ensinam. (Ausubel 1968 p.31).

Para Jussara Hoffmann (2005), “avaliação é sinônimo de evolução. Eu respondo sobre a evolução de um aluno de uma tarefa a outra, de um fazer a outro, de um momento de convivência a outro”. Neste sentido a autora trata a avaliação como um acompanhamento da

evolução do aluno no processo de construção do conhecimento. E para responder sobre essa evolução eu preciso caminhar junto com ele, passo a passo. Eu não posso no final do caminho dizer se o aluno chegou lá. É preciso acompanhá-lo durante todo o trajeto. Depois que se chega ao resultado final e esse resultado for de reprovação, o que poderá ser feito para resgatar o aprendizado desse aluno?

Resultados Finais da Escola Pesquisada

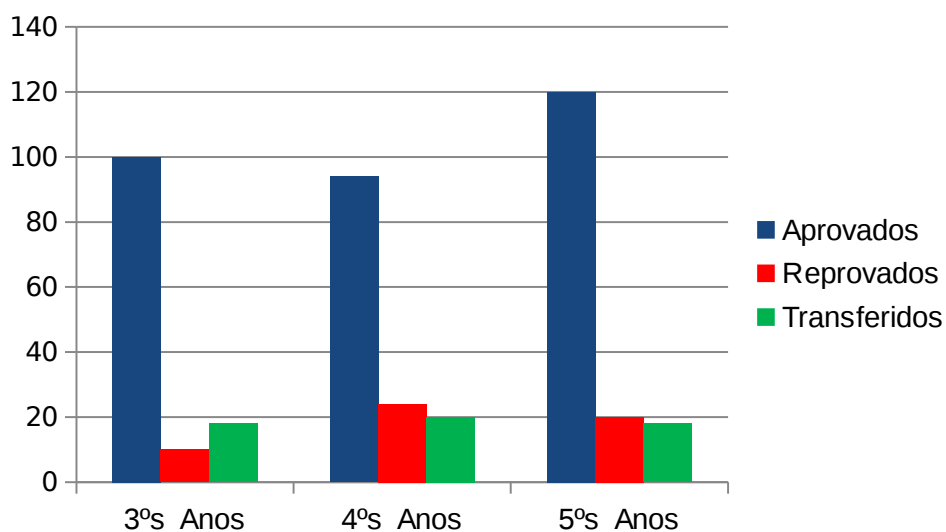


Gráfico 1 Fonte: EMEF. “ Ouro Negro “ (12/05/2014)

Nestes resultados, percebemos que a aprovação dos alunos estão em acordo com as respostas das professoras que participaram da pesquisa, registradas no quadro 11: sete professoras responderam que o nível de reprovação da turma seria baixo (20% a 30%) e três professoras responderam que seria normal (até 10%). Assim nos terceiros anos foram de 10%, nos quartos anos de 25% e nos quintos anos foram de 17%. Porém ao compararmos os resultados com as outras respostas apresentadas na pesquisa, percebe-se o desencontro das ideias, no sentido da insatisfação e que os alunos ficam temerosos ao fazer uma avaliação.

Podemos notar pelas respostas das pedagogas e das professoras, no que tange, a avaliação de aprendizagem, faz-se necessário uma ressignificação no conceito de avaliação e suas finalidades no contexto escolar, principalmente nas formas de avaliar e como avaliar o aluno, ou seja, a avaliação de aprendizagem tem que estar voltada para um processo de construção no desenvolvimento social, psíquico e cognitivo do aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização dessa pesquisa podemos concluir que as práticas avaliativas devem assumir um caráter diagnóstico processual e contínuo. Vale salientar a importância dessa prática avaliativa contínua, pois, somente assim, o professor será capaz de fazer um acompanhamento do desempenho do aluno no processo de aprendizagem, o que favorecerá um aprendizado mais significativo.

A importância da avaliação vem crescendo na medida em que a educação ganha mais espaço. No entanto, é difícil dizer que ainda tem-se pouca visão a esse respeito. Existem muitas concepções teóricas e muitas práticas distintas acerca do que significa avaliar. Assim, quando se fala em avaliação precisamos esclarecer o que estamos falando.

A partir desse estudo percebemos que muitos educadores, pais e alunos, ainda não compreendem o real significado da avaliação e acabam tornando-a um instrumento punitivo, de ameaça, voltado exclusivamente para o aspecto de julgamento, para uma classificação.

A nota ainda é o aspecto primordial dentro do contexto escolar. Os professores usam-na como forma de manter a disciplina em sala de aula, os alunos pensam mais na nota que vão tirar, para passarem de ano, em vez de pensarem se a aprendizagem foi significativa e os pais sempre cobram dos filhos uma nota boa, para que não fiquem em recuperação ou reprovem de ano.

A pesquisa de campo foi bastante importante para analisarmos como a avaliação é compreendida e desenvolvida na escola pesquisada. As respostas das professoras, assim como das pedagogas, nos questionários, ora são voltadas para uma concepção de avaliação para o desenvolvimento do aluno, ao longo do processo de ensino aprendizagem e ora são voltadas para a classificação.

Todavia, percebemos que mesmo havendo uma leitura atenta a respeito do assunto em questão, as professoras pesquisadas citam a imposição do sistema na representação da nota, mas mesmo havendo esta imposição o professor em sala de aula pode ressignificar suas práticas pedagógicas e melhorar as formas de avaliar.

Porém, podemos observar por meio das respostas das professoras, que apesar da maioria terem respondido que realizam o *feedback* e que acham importante a realização do mesmo, visando uma avaliação formativa e não classificatória, vimos nos resultados finais que a teoria não condiz com a prática.

Por isso, o ato avaliativo é eminentemente político, está alicerçado e a serviço de um modelo de sociedade. Conseqüentemente, o debate acerca da avaliação educacional do ensino e aprendizagem não pode ser visto como um embate meramente técnico, de técnicas avaliativas, mas uma discussão político-pedagógica e epistemológica.

Do ponto de vista pedagógico e da qualidade dos resultados, o ato de avaliar é mais exigente que o ato de examinar. É possível que essa exigência traga alguma resistência do professor em transitar do ato de examinar para o de avaliar, pois implica em acompanhamento, planejamento e re-orientação permanente da aprendizagem. Neste sentido, independente das prescrições legais, imposição do sistema, das formas de avaliar e os instrumentos avaliativos escolhidos, o professor é o agente principal desse processo, é a sua concepção, seu planejamento que tornará a avaliação uma peça essencial para a estruturação do ensino e aprendizagem na construção do conhecimento do aluno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, F. J.; FRANCO, M. G. **Avaliação para a aprendizagem: O processo avaliativo para melhorar o desempenho dos alunos.** São Paulo: Ática Educadores, 2011, p. 96.

BLOOM, B.; HASTINGS, J. T.; MADDAUS, G. F. **Manual de avaliação formativa e somativa do aprendizado escolar.** São Paulo: Pioneira, 1983.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases.** Brasil: MEC, 1996.

ESTEBAN, Maria Teresa. **O que sabe quem erra?** Petrópolis, RJ: De Petrus ET Alii, 2013.

HADJI, C. **Avaliação desmistificada.** Porto Alegre: ArtMed, 2001.

HAYDT, R. C. C. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1988

HOFFMANN, J. **Avaliação: mito e desafio**: uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Mediação, 1995.

<http://educacao.atarde.uol.com.br>, acessado em 14/10/2013

<http://portal.mec.gov.br>, acessado em 14/10/2013

http://pt.wikipedia.org/wiki/David_Ausubel, acessado em 20/06/2014.

<http://revistaeducacao.uol.com.br/formacao-docente/163/artigo234876-1.asp>, acessado em 30/06/2014

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem na escola**: reelaborando conceitos e recriando a prática, , 2ª edição. Salvador Ba: Malabares Comunicação e Eventos 2005.

_____Entrevista concedida à *Aprender a Fazer*, publicada em *IP – Impressão Pedagógica*, publicação da Editora Gráfica Expoente, Curitiba, PR, nº 36, 2004, p. 4-6.

WERNECK, H. **Prova, provão, camisa de força da educação**: uma crítica aos sistemas de avaliação crivada de humor e propostas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.